

O Inferno nórdico? Um estudo interpretativo sobre Náströnd

The Norse hell? An interpretive study of Náströnd

*Leandro Vilar Oliveira**

Resumo

Na mitologia nórdica encontramos menções a distintos mundos da morte como Valhala e Hel, porém, nestes locais do além, os mortos não sofriam. No entanto, em Náströnd, um sombrio salão cheio de cobras e veneno, os criminosos ali eram punidos. A proposta deste artigo é analisar se dentro das crenças da religião nórdica antiga haveria noções de punição que pudessem ajudar a compreender o mito de Náströnd, como local da morte onde almas sofreriam. Para isso realizamos um estudo de análise mitológica, simbólica e histórico-religiosa no intuito de compreender noções básicas das concepções de vida após a morte na mitologia e religião nórdica. Para o embasamento teórico adotamos as obras de alguns escandinavos entre os quais Christopher Abram, Eldar Heide, Hilda Davidson, John Lindow, Johnni Langer, Kees Samplonius, Raymond Page e Sigurd Nordal.

Palavras-chave: Náströnd. Mitologia nórdica. Religião nórdica antiga. Vida após a morte.

Abstract

In Norse mythology we find mentions of distinct worlds of death such as Valhalla and Hel. However, in these otherworldly places the dead would not suffer, but in Náströnd, a gloomy hall full of snakes and poison, criminals would be punished. The proposal of this paper is to analyze if there would be notions of punishment in Old Norse religion beliefs that could help to understand the myth of Náströnd as the place of death where souls would suffer. To do so, we have made a mythological, symbolic, religious, and historical analysis study in order to comprehend basic notions of afterlife conceptions in Norse mythology and religion. Concerning the theoretical approach, we have used the works of some researchers in Scandinavian Studies, among them Christopher Abram, Eldar Heide, Hilda Davidson, John Lindow, Johnni Langer, Kees Samplonius, Raymond Page, and Sigurd Nordal.

Keywords: Náströnd. Norse mythology. Old Norse religion. Afterlife.

* Doutorando em Ciências das Religiões (UFPB). Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). E-mail: vilarleandro@hotmail.com.

Introdução

O Religião nórdica antiga (*Old Norse religion*) ou Religião escandinava pré-cristã (*Pre-Christian religion in Scandinavia*) consiste em um conceito historiográfico para se referir ao conjunto de crenças mágico-religiosas adotadas pelas populações habitantes da região da Escandinávia, especialmente Noruega, Dinamarca, Suécia e Islândia, durante a Alta Idade Média (V-X). Populações essas que comumente ficaram conhecidas como vikings. No caso, as principais referências sobre as crenças religiosas dos vikings datam dos séculos VIII ao XI, período no qual a religião nórdica estava em vigor¹. (Langer, 2016, p. 120-122).

A fé nórdica consistia numa religião politeísta, não dogmática, não centralizada, não institucionalizada e nem revelada. Não havia textos sagrados ou religiosos². As tradições, ritos, mitos e crenças eram transmitidos oralmente e variavam com o local. Acreditava-se em alma (*hamr*), espíritos protetores (*fylgja*) e vida após a morte. A noção de sacerdócio era vaga, e a existência de templos era escassa. Os ritos e cultos eram feitos ao ar livre, nos lares e salões. Realizavam-se ritos de batismo, casamento, consagração, passagem, fúnebres, adivinhatórios etc. Como também se celebravam festivais e se realizavam sacrifícios de animais e humanos. A relação com os deuses era pautada em troca de favores, proteção e dependência, pois se acreditava na intervenção do divino, do sobrenatural e do mágico diretamente na vida, na sorte, na saúde e no destino. (Davidson, 2004, p. 180-182; Langer, 2005, p. 54; Hultgård, 2008, p. 212-216).

Desse modo, a religiosidade era muito mais baseada no culto do que no dogmático e metafísico; estruturada em atos, gestos e ritos significativos, girando em torno do sacrifício. O paganismo nórdico era de natureza tolerante, sem fanatismos nem adoração extremada e, ao contrário do que se imagina com frequência, manteve contato com a Europa cristã. Foi fruto de uma sociedade profundamente rural, realista e pragmática e que concedia privilégio a uma magia fatídica. (Langer, 2009, p. 132).

Devido à condição de que a religião nórdica não possuiu escritos religiosos, algumas de suas crenças e práticas religiosas somente são conhecidas através da mitologia, a qual teve algumas narrativas preservadas através da poesia e da prosa, especialmente com as *Eddas* e as sagas islandesas³ (Bibire, 1992, p. 1-5). Com isso, para se estudar as noções de vida após a morte na fé nórdica, se faz necessário recorrer às fontes mitológicas, pelas quais nos permitem conhecer como aqueles povos pensavam a existência da alma depois

da morte. O que nos leva a adotar um estudo religioso pautado na análise mitológica.

Mediante a estas características partimos da seguinte problemática que gerou essa pesquisa: os mitos que falam a respeito de lugares da morte sugerem que os mortos não padeceriam sofrimentos ou seriam punidos por suas ações em vida. Pelo fato de que na fé nórdica não ter havido a noção de pecado, não havia necessariamente a crença de uma punição divina após a morte. Acreditava-se que se a punição ocorresse, seria ainda em vida. Um deus teria se zangado por alguma ofensa ou desfeita, então ele puniria alguém. Mas uma condenação eterna, não era algo que fazia parte daquela religião. Mas neste ponto surge o problema. Dos lugares da morte conhecidos, como Valhala, Folkvang, Bilskirnir, Hel, o salão de Rán, as montanhas sagradas⁴, e a ilha de Gefjon, em nenhum deles os mortos sofriam, mas em Náströnd eles sofreriam.

Nesse ponto Náströnd surge como um lugar emblemático. Enquanto nos outros lugares os mortos não sofreriam, nem mesmo em Hel, local que foi associado pelos cristãos ao Inferno, em Náströnd os mortos seriam punidos e sofreriam por tempo indeterminado. Com isso este local mítico apresenta-se como algo diferente e divergente das outras concepções de pós-morte dos nórdicos. Mesmo que saibamos que não havia um dogma que guiasse as crenças daquela religião, ainda assim, de todos os mundos anteriormente citados, por que apenas em um deles haveria a crença de sofrimento no pós-morte? Seria Náströnd um local parecido com a ideia de inferno?

Motivados por essa indagação, decidimos investigar em busca de respostas. Porém, nossas pesquisas nos revelaram que o que sabemos sobre Náströnd, ainda é pouco. Talvez um dos motivos para essa falta de análises se deva a condição de que Náströnd é citado apenas em duas fontes conhecidas: o poema *Völuspá* e no livro da *Edda em Prosa*. Inclusive a descrição de Náströnd na *Edda em Prosa* é baseada no relato do *Völuspá*, apresentando singelas diferenças que comentamos neste estudo. A escassez de material escrito provavelmente dificultou seu estudo, embora que outros lugares da morte também padecem da mesma condição como o salão Bilskirnir, que consiste no lar de Thor; o salão de Rán, deusa do mar; e a ilha da deusa Gefjon.

Mas apesar dessa escassez de informações sobre Náströnd, decidimos redigir este estudo para tentar promover reflexões acerca da temática da vida

após a morte na religião e mitologia nórdica, pois em geral apenas Valhala e Hel são alvos de tais estudos, devido à quantidade de fontes e todo o imaginário que se construiu sobre estes lugares através das artes⁵.

Para a realização desse estudo o pautamos na área das Ciências das Religiões, especificamente no estudo histórico, mitológico e simbólico das religiões, no intuito de se analisar quais possíveis referenciais religiosos, mitológicos e morais da cultura nórdica poderiam contribuir para se entender o papel de Náströnd como um local de punição após a morte, e se poderia ter havido alguma influência do Cristianismo na concepção de Náströnd, tornando-o um mito originário de um hibridismo de crenças religiosas. Pois a fé cristã interagiu com os vikings desde o século VIII, quando chegou ao sul da Dinamarca.

1. Náströnd: a costa dos cadáveres

O nome Náströnd advém do nórdico antigo *Nāstrǫndu*, o qual é formado a partir da junção das palavras *nās* = cadáver e *strǫndu* = costa, que se traduz como costa dos cadáveres. (Zøega, 1910, p. 310). Um local chamado de costa dos cadáveres soa ainda hoje com certo arrepio e temor no nome. Algo que provavelmente naquele tempo também devesse evocar essas reações. Mas para entender o porquê Náströnd surge como um local sombrio se faz necessário conhecer o que as descrições mitológicas nos têm a informar a respeito. Como comentado anteriormente, os relatos de Náströnd aparecem apenas nas *Eddas*.

Neste caso a *Edda* Poética, também chamada de *Edda Maior*, *Edda Velha*, *Edda de Saemund*, consiste num conjunto de poemas de autoria anônima. O manuscrito mais antigo conhecido é o *Codex Regius* (GKS 2365 4to), tendo sido produzido na Islândia no final do século XIII⁶. Neste códex estão reunidos 31 poemas de distintas épocas, sendo que algumas das histórias mitológicas remontariam pelo menos ao século IX. Não se sabe quem teria reunido estes poemas e por quais motivos o teria feito. Mas a obra apresenta as principais narrativas dos deuses e heróis que hoje conhecemos. (Langer, 2015a, p. 146-149).

O segundo livro é a *Edda em Prosa*, também chamada de *Edda Menor* e *Edda de Snorri*, obra dividida em quatro partes: prólogo, *Gylfaginning*,

Skáldskaparmál e *Háttatal*, sendo sua autoria atribuída ao poeta islandês Snorri Sturluson por volta da década de 1220. Este livro consiste numa sistematização de vários mitos, alguns inclusive encontrados nos poemas da *Edda Poética*. Apesar de que Snorri também nos forneceu narrativas que são encontradas apenas em seu livro. São conhecidos quatro manuscritos dessa obra, mas apenas em uma delas, o *Codex Upsaliensis* (DG 11) é creditado o nome de Snorri como provável autor. (Ross, 2005, p. 137).

Apresentados estes breves comentários sobre as duas *Eddas*, passamos para conhecer o que foi escrito sobre Náströnd. Começamos pela *Edda Poética*, iniciando pelo poema *Völuspá*, o qual consiste no primeiro poema do *Codex Regius*. O nome *Völuspá* pode ser traduzido como *A Profecia da Advinha*, pois a história se inicia com o deus Odin ressuscitando uma *völva* (adivinha), para lhe fazer algumas perguntas sobre a origem do mundo, dos deuses, dos gigantes, dos anões e dos homens, a descrição de alguns lugares, até chegar aos tempos do Ragnarök⁷. (Dronke, 1997, p. 30).

Henry Bellows (1923, p. 17-18) assinala que no *Völuspá* encontrado no *Codex Regius*, Náströnd é mencionado nas estrofes 37 e 38 (em outras versões consta como as estrofes 38 e 39), porém, no *Völuspá* do manuscrito *Hauksbók* (AM 544 4to), datado do século XIV, as referências surgem nas estrofes 34 e 35, mas o conteúdo é o mesmo. No entanto, a versão do *Codex Regius* possui 62 estrofes (algumas traduções trazem 64 ou 66 estrofes, devido a adaptações textuais dos tradutores), mas a versão do *Hauksbók* possui 58 estrofes. O que apresenta que trechos foram excluídos dessa edição, como também há variações de conteúdo em algumas partes. No entanto, vejamos o que o poema fala sobre Náströnd.

Estrofes 37 e 38 do poema <i>Völuspá</i> de acordo com o <i>Codex Regius</i>	
37. Sal sá hon standa sólu fjarri Náströndu á, norðr horfa dyrr. Falla eitrdropar inn um ljóra, sá er undinn salr orma hryggjum	37. Ela viu uma sala longe do sol, Náströnd situa-se com sua porta para o norte; Veneno goteja através do teto, Espinhas de serpente enchem a sala
38. Sá hon þar vaða þunga strauma menn meinsvara ok morðvarga ok þann er annars glepr eyrarúnu. Þar saug Niðhöggr nái framgengna, sleit vagr vera. Vituð ér enn - eða hvat?	38. Ela viu cruzando por rios selvagens Homens perjuros e assassinos E os assediadores de mulheres casadas; Nidhogg suga os corpos dos mortos, O lobo rasga os corpos; Você quer saber mais o quê? ⁸

Fonte: Dronke, 1997, p. 17.

O nome Náströnd é citado nas estrofes 37 e 38 como vistas acima, sendo que estas estrofes compõem a seção do *Völuspá* que descreve alguns lugares mitológicos como o rio Slid, a região de Nidavéllir⁹, o salão do gigante Brimir e Járvinði (Floresta de Ferro). Náströnd é descrito como possuindo um salão cheio de ossos de serpentes, e que possuiria buracos no teto, de onde serpentes gotejavam veneno ao ponto de formar um rio de peçonha, por onde os assassinos, traidores e assediadores de esposas vagariam em tormento.

No caso, não se sabe exatamente onde Náströnd e os demais lugares citados, estariam situados, já que a geografia mítica não é algo preciso. (Bernadéz, 2010, p. 281). Mas para tentar entender um pouco como essa geografia era pensada, Jonas Wellendorf (2006, p. 53) assinala que na mitologia nórdica podem-se conceber duas concepções cosmogônicas predominantes (embora haja outras concepções), uma horizontal e outra vertical.

No modelo horizontal os mundos mitológicos como Asgard, Midgard, Jotunheim, Niflheim, Muspelheim, Hel etc., ficariam situados num mesmo plano. Nesse sentido, o autor aponta que Hel ficaria situado ao Norte, inclusive até Valhala também ficaria situado nessa direção. Valhala e Hel consistem em mundos da morte, e havia crenças de que os mortos seguiriam para o Norte, para seu repouso final.

Por sua vez, no modelo vertical, Asgard é elevada ao plano celeste e Hel desce para o submundo. Nessa concepção como apontada por Wellendorf, Asgard e Hel que supostamente poderiam estar situados ao Norte, no além-mar, agora eram distanciados num sentido vertical. Essa concepção entre cima-baixo, de acordo com Wellendorf (2006, p. 53-54) possa ter advindo de um referencial cristão. Enquanto no modelo horizontal ele identificava o local da morte com as montanhas, com o Norte e com o além-mar; no modelo vertical, o mar e as montanhas somem, dando lugar para o sombrio e o subterrâneo, elementos que lembram o imaginário do Inferno.

Alguns estudiosos do tema da cosmologia nórdica chegaram a questionar se o modelo vertical fosse uma concepção apenas de Snorri Sturluson para sua *Edda*, concepção essa influenciada por um referencial cristão do autor. Alguns defendiam esse argumento com base no poema *Völuspá*, o qual sugere que a cosmologia fosse horizontal. O problema é que quando se ler o restante da *Edda Poética*, outros poemas indicam elementos que se remetem ao modelo vertical.

Logo, isso sugere que ambos os modelos já existiam na concepção escandinava, não sendo necessariamente uma influência cristã, como salienta Eldar Heide (2014, p. 102-103).

Como base nos comentários de Wellendorf e Heide, Náströnd encaixa-se tanto no modelo horizontal quanto no vertical. No *Völuspá* não há indicativos de onde tal costa dos cadáveres ficaria, porém, sabe-se que sua porta era voltada para o Norte. Se tomarmos a geografia da Escandinávia, especificamente do que hoje são os países da Noruega, Suécia e Finlândia, o extremo norte dessas terras se encontra no Círculo Polar Ártico, uma das regiões mais frias do mundo, um local de difícil sobrevivência e desolado, e que na época do inverno, os dias são curtos e as noites são longas. (Clarke, 2006, p. 20).

Nesse aspecto geográfico, a descrição da advinha sobre uma terra distante do sol tem respaldo, pois se tal costa ficasse localizada no extremo norte da Escandinávia, ela estaria suscetível a essa variação na duração do dia e da noite. Entretanto, no poema é dito que suas portas ficavam voltadas para o Norte, mas não significa que Náströnd estivesse situado no norte. Pois era comum entre alguns povos direcionarem a entrada de seus lares e templos para o Norte ou o Sul.

Tal fato é interessante, pois entre alguns povos da Europa septentrional havia o costume de que os túmulos fossem orientados no sentido norte-sul. A entrada ficava apontada para o Sul, mas a câmara funerária ficava voltada para o Norte, inclusive a cabeça do morto era sepultada para essa direção. No caso da Escandinávia essa prática foi mantida na antiguidade e no medievo. E tal condição levou Hilda Davidson (1968, p. 86) a assinalar que a ideia de Náströnd como local sombrio e com serpentes, era algo que encontrava correlação nas narrativas vistas em algumas sagas, as quais descreviam alguns túmulos que estariam infestados de cobras. Aqui a autora cogitava que talvez Náströnd possa ter sido uma mitificação do túmulo pautada em noções folclóricas após a Era Viking (793-1066), lembrando que a versão textual que conhecemos data apenas do século XIII.

Mas e quanto à citação da *Edda em Prosa* a respeito de Náströnd, o que Snorri tinha a nos dizer acerca? Na *Edda em Prosa*, Náströnd é citado brevemente no final do *Gylfaginning* 52, contudo, o texto apresentado por Snorri basicamente repete o que é citado nas estrofes 37 e 38 do *Völuspá*. Ou seja, o

próprio Snorri também não deixava claro onde essa costa de cadáveres estaria situada, embora em seu livro, ele detalhe melhor lugares como Hel, Niflhel e Niflheim¹⁰.

Aqui retomamos o comentário acerca da cosmologia nórdica, pois, como anteriormente assinalado, a geografia mitológica dos escandinavos não era um sistema coeso. Eldar Heide (2014, p. 106-107) estudou as menções mitológicas à localização de Hel, apontando que nas *Eddas* encontram-se referências que Hel estivesse situado tanto no subterrâneo, mas também estaria localizado na superfície e no Norte do mundo, para além-mar. Isso significa que Náströnd também não possuísse uma localização exata, apesar de que seu nome significa costa dos cadáveres, o que se supõe que estivesse voltado para o mar¹¹, logo, estaria situado na superfície do mundo. Neste ponto é preciso mencionar um comentário de Eldar Heide sobre a associação de fronteiras aquáticas com os “outros mundos”.

A ideia de que o (ou um) reino dos mortos esteja situado além de um rio (frequentemente subterrâneo), o qual os mortos têm que atravessar, também é encontrada ao longo do Noroeste da Europa e na maioria de outras partes do mundo. Também era comum acreditar que os falecidos iam para uma terra além-mar (ou além de outro grande corpo d'água). Do Noroeste da Europa, essa ideia é atestada pelos Países Baixos (áreas célticas e francas) desde o início do século VI d.C. O historiador bizantino Procópio diz que as pessoas dessa área levam de barco as almas dos mortos para uma ilha fora da costa. Em *Beowulf*, o corpo do rei Scyld (pai de Beowulf) é colocado em um navio que o carrega para longe pelo mar. Na Escandinávia, parece que se poderia também ir a Hel através do mar. Quando o deus Baldr morreu, seu corpo foi disposto em seu navio, que foi colocado a flutuar e então foi-lhe atado fogo, e posteriormente nós sabemos dele em Hel. (Heide, 2011, p. 59)

Na perspectiva de Heide, ele sugere se o ato de realizar o funeral de alguns mortos em barcos estaria relacionado com o imaginário mítico-religioso de que as almas fariam uma viagem marítima até os mundos da morte. A ideia de Heide é interessante, mas tem alguns problemas. Muitos dos escandinavos eram sepultados e não cremados em barcos ou navios, e quando eram cremados, o rito era feito numa pira. A cremação em embarcações era algo reservado para uma pequena parcela da população. Contudo é preciso pensar também que possa se tratar de uma crença associada a determinados setores da sociedade ou até mesmo a determinadas regiões (Hedeager, 2008, p. 17-18).

No entanto, isso não significa que a pessoa que foi enterrada não pudesse ter uma crença parecida, de se pensar que realizaria uma viagem aquática até os mundos da morte, só porque não foi cremada num barco. Neste caso, sabe-se que entre os nórdicos o cavalo era um psicopompo, ou seja, animal que teria a habilidade de transitar entre os mundos dos vivos e dos mortos. De fato, em alguns túmulos foram achados ossos de cavalos, o que sugere que a alma faria algum tipo de viagem (Langer, 2015a, p. 95-96).

A condição de Náströnd estar associado com uma região aquática fosse um mar ou lago, além de também estar próxima a "rios selvagens" como é mencionado na fonte, encaixasse na perspectiva cosmogônica comentada por Heide, de se associar os lugares da morte com a água, e para se chegar até estes deveria se cruzar mares ou rios, realizando-se uma viagem espiritual.

2. Náströnd: o salão das serpentes

Para além de ser uma costa com cadáveres, Náströnd também era um local onde havia um salão, no qual os criminosos eram punidos em veneno de cobra. Neste sentido Náströnd seria um salão das serpentes. Aqui temos dois dados interessantes: o primeiro diz respeito à noção do papel dos salões na cultura escandinava, e o segundo refere-se ao simbolismo da serpente para os nórdicos. Neste caso, a fim de melhor compreendermos o papel deste mito e crença dentro do contexto escandinavo, se faz necessário alguns apontamentos acerca dos dois pontos assinalados.

Salões entre os povos germano-escandinavos não eram apenas salas grandes, mas eram residências de senhores abastados, até mesmo de reis. Eram locais de sociabilização, de manifestação de autoridade e de poder. Locais onde se guardavam armas, tesouros, realizavam-se banquetes, festejos, cerimônias civis e até mesmo religiosas (Ayoub, 2013, p. 103-106). O papel que palácios, fortalezas, mansões e castelos como locais de poder possuíam para outras sociedades, no caso germano-escandinavo este local era representado pelo salão (*höll* em nórdico antigo).

A importância do espaço do salão era tão significativa na cultura escandinava da Era Viking, que tais lugares não apenas eram relevantes na vida mundana, mas após a morte eles também tinham um papel central. Na religião

nórdica antiga até onde foi possível identificar os espaços do Além, basicamente todos se referem a salões. Valhala significa literalmente salão dos mortos (*val* = mortos + *höll* = salão), sendo descrito nas *Eddas*¹² como um local majestoso e suntuoso, pois era a própria residência do rei dos deuses, Odin.

Os outros locais da morte já citados neste estudo como o Folkvang, era o salão de Freyja, o Bilskirnir era o salão de Thor, a deusa Rán possuía um salão no fundo do mar, a deusa Gefjon possuía um salão numa ilha, e o salão da deusa Hel se chamava Éljúdnir. As próprias montanhas sagradas (*helgafell*) conteriam salões em seus interiores. Mas além destes salões como locais do pós-morte, os mitos também citam vários outros salões onde ocorrem importantes acontecimentos mitológicos, o que também representa a importância destes espaços para a cultura daqueles povos.

Nesse ponto se salienta que o salão também representa um local de comunhão, recepção e acolhimento. Régis Boyer (2000, p. 53-54) salientava que a sociedade viking era pautada num núcleo familiar, não apenas de laços consanguíneos, mas também no acolhimento de outros indivíduos através de casamentos, adoções e juramentos. O lar era o espaço pelo qual aquela sociedade mais se sociabilizava, diferente de hoje em dia, onde é mais comum nos sociabilizarmos na rua e em espaços públicos. Com isso, Munir Ayoub conclui que:

Portanto, eram esses salões a expressão máxima dos cultos, festas e das manifestações de uma aristocracia que se tornava o ponto central da cosmologia escandinava, atribuindo à sua própria compreensão um caráter sagrado, político e até mesmo legislativo, pois davam a essas cidades e centros características de locais seguros, diferenciados e sociabilizados. Tal não acontecia nas zonas fora das suas fronteiras, por serem regiões selvagens, de outras esferas espaciais e de outra compreensão social. Além da compreensão cósmica, não podemos nos esquecer de que eram tais salões e ritos também importantes na legitimação real. Locais e fatos que davam à realeza escandinava o papel principal de estabelecer a ordem e de possibilitar uma relativa paz, que gerasse e garantisse a sociabilidade e as condições para a execução das atividades religiosas, políticas, manufatureiras e comerciais desses povos. (Ayoub, 2013, p. 109-110)

Por estas considerações citadas, nota-se o papel dos salões também num sentido mitológico e religioso. Assim, Náströnd apesar de ser um salão sombrio e nada agradável pelo que sugere sua descrição, ainda assim, encaixa-se no aspecto mítico-religioso da cultura dos escandinavos da Era Viking, em associar os salões

como locais onde os deuses residiriam e governariam, e locais onde os mortos pudessem se reunir com seus antepassados.

Concluída essas observações, adentremos aos comentários sobre a presença de serpentes em Náströnd. Num primeiro momento isso pode parecer bastante estranho: um salão cheio de ossos de cobras, e inundado por um rio de veneno. Obviamente tratar-se-ia de um local maldito, que deve ter sido pensado com base em algum referencial cristão, pois no Cristianismo a serpente é associada com a morte, o sofrimento e o mal. Apesar dessa hipótese ser interessante, Pastoureau (2012, p. 250-254) comenta que o simbolismo da serpente na Europa medieval cristã não era unânime, mas consistia num conjunto de referências advindas da tradição judaico-cristã, greco-romana, germânica e celta. Logo, a serpente necessariamente toda vez que fosse representada, não estaria simbolizando algo negativo.

Mas além desse dado assinalado por Michel Pastoureau, sublinha-se que a presença de serpentes nos mitos nórdicos era bem comum. A menção a veneno e serpentes não é exclusiva a Náströnd. Alguns mitos falam que o rio Slid, um dos rios que nasceriam no lago Hvergelmir, teria suas águas envenenadas e cheias de armas, e este cruzaria Hel (*Völuspá* 36). Um dos filhos de Loki foi a serpente Jormungand, a qual no Ragnarök lançaria veneno sobre o mundo, e sua peçonha mataria Thor (*Völuspá* 55-56/*Gylfaginning* 52). Loki ao ser preso pelos deuses foi amarrado com as vísceras de um de seus filhos, e foi torturado com veneno de cobra, que gotejava sobre sua face (*Lokasenna* / *Gylfaginning* 51/*Völuspá* 34-35). Também se fala que o submundo seria infestado de cobras (*Gylfaginning* 16/*Grimnismál* 34).

Nota-se nestes mitos contados nas *Eddas*, que a presença de cobras e veneno estava associada a algo ruim, a dor, o subterrâneo, o sombrio, a morte e a punição¹³ (Oliveira, 2017, p. 73-75). Tais características são interessantes para percebermos que o papel de Náströnd como local de punição. Para isso no ponto a seguir, analisaremos simbolicamente os tormentos existentes naquele salão.

3. Os tormentos de Náströnd

A estrofe 38(39) do *Völuspá* cita os tipos de crimes que são punidos em Náströnd, mas diz que além das serpentes que viviam no telhado daquele salão,

haveria também uma criatura chamada Nidhogg e um lobo, os quais, ambos devorariam os mortos que ali se encontravam, lhe causando ainda mais dor e sofrimento. Para entender estes sofrimentos precisamos trabalhar com um pouco de simbologia, a fim de compreender como o veneno, Nidhogg e o lobo se encaixam simbolicamente neste mito.

No caso do simbolismo do veneno em geral este está associado com características negativas, simbolizando perigo, dor, sofrimento, destruição e morte¹⁴. É bastante comum associá-los com animais como escorpiões, aranhas, mas especialmente com cobras (Mundkur, 1983, p. 2). O fato do veneno está simbolicamente associado com cobras, reforça ainda mais a presença destes animais em Náströnd. O próprio Nidhogg (Níðhöggr em nórdico antigo) confirma também essa característica, apesar de ele não ser descrito como um ser peçonhento¹⁵, ainda assim, é uma criatura ofídica. Esse dragão é mencionado no poema *Grímnismál* nas estrofes 32 e 35, as quais dizem que Nidhogg viveria nas profundezas do mundo, roendo uma das raízes da Yggdrasil, a árvore cósmica que mantém o equilíbrio dos mundos. Por sua vez, Snorri Sturluson no *Gylfaginning* 16 e 52, atribui a morada de Nidhogg como ficando em Niflheim. Porém, as menções mais importantes a ele se encontram no *Völuspá* 38(39) e 66, onde ele está associado com a morte.

No *Völuspá* 38 é dito que Nidhogg sugava os cadáveres em Náströnd. O fato de se dizer que ele seria um dragão nos faz remontar a ideia das serpentes relacionadas à Náströnd, mas também lembra as serpentes que habitariam o submundo, o qual seria infestado por tais animais, como comentado no *Gylfaginning* 16 e no *Grimnismál* 34. Assim, Nidhogg aparece como uma dessas serpentes subterrâneas, a qual possui um nome próprio e funções próprias: roer a raiz da Yggdrasil ou sugar os cadáveres em Náströnd¹⁶, apresentando duas funções, além do fato de ser uma criatura parecida com uma serpente, diferente da imagem comum que temos desse monstro. Sobre isso Langer comentou que:

Especificamente o nosso mito em questão, o dragão possui muitas formas, as quais são variáveis conforme o contexto cultural e histórico. Apesar do imaginário preponderante na atualidade associar a forma draconiana a todo réptil quadrúpede, com asas e que solta fogo, algo que foi popularizado somente a partir do século XIII, consolidando-se ao final do medievo (Langer, 2015b, p.

151-152). No entanto, entre os gregos, germânicos e chineses, o dragão correspondia a uma serpente descomunal.¹⁷

Nidhogg por ser um dragão-serpente encarna em si os simbolismos tanto do dragão e da serpente, os quais embora parecidos, ainda assim, são diferentes. Michel Pastoureau (2012, p. 259-260) assinala que em geral o dragão entre as culturas europeias estava associado com o simbolismo de perigo, medo, monstruosidade, imponência, força, poder, veneno, fogo, água, ar, terra, subterrâneo, morte e maldade. No caso de Nidhogg conseguimos observar os simbolismos de monstruosidade, medo, subterrâneo, veneno e morte. Ele é um dragão que vive no subterrâneo, que devora os mortos.

Mas além desse dragão, os mortos em Náströnd também seriam atormentados por um misterioso lobo. Quanto a este animal, sua identidade é desconhecida, e também é problemática, pois nos mitos nórdicos há vários lobos, mas talvez não seja nenhum específico, constando mais como elemento simbólico, algo que reforça a importância desse animal para as culturas europeias, especialmente do norte da Europa, como assinala Pluskowski (2001, p. 131). Neste caso, o lobo possuía distintos simbolismos, sendo bons e maus.

O lobo pode estar associado com a caça, a guerra, ritos de passagem etc. Neste caso, o lobo personifica a força, a bravura, a valentia, a resistência, o medo proporcionado aos inimigos. Entretanto, por outro lado, o lobo surge como uma figura terrível, perigosa, assustadora, agressiva e destrutiva, associada com a morte, dor, sofrimento, punição, maldição etc (Dunnigan, 2005, p. 9783). Mas no caso do mito de Náströnd, o seu lobo também aparece imbuído dessas características negativas apontadas com base em Dunnigan (2005). No caso, este lobo simboliza morte, punição e sofrimento. Condições que combinam com a descrição de Náströnd como lugar de punição.

Entretanto, a figura do lobo nos mitos nórdicos tende em geral está associada com elementos negativos e destrutivos, especialmente quando diz respeito ao mito do Ragnarök. Onde os lobos Fenrir, Skoll e Hati, são os responsáveis por matar alguns dos deuses (Langer, 2013, p. 71-73). No entanto, o lobo de Náströnd parece não estar associado ao Ragnarök propriamente, pois no *Völuspá* ele é mencionado antes da parte que se iniciam as profecias do Ragnarök, e por sua vez na *Edda em Prosa*, ele nem sequer existe. No caso, em nenhuma das versões dessa *Edda*, se menciona a existência desse lobo, o que

torna o relato sobre Náströnd na *Edda em Prosa*, diferente do contido no *Völuspá*, mesmo que essa diferença seja algo bem minimalista.

Todavia, apesar do lobo ser mencionado apenas no *Völuspá*, alguns estudiosos tendem a associar esse canídeo com a figura de Garm ou de Fenrir, algo que será comentado adiante. Devido ao fato deste lobo se encontrar em um mundo da morte, esse animal esteja associado à condição dos “cães infernais”, pois em diferentes culturas do mundo, a imagem de caninos estando relacionada com a morte é algo recorrente. Na mitologia grega temos Cérbero (Brandão, 1986, p. 242-243); na mitologia egípcia, Anúbis, o deus da mumificação e mensageiro dos mortos, possui a cabeça de um cachorro (Scarpi, 2000, p. 44). No caso escandinavo, encontra-se a menção a um cachorro chamado Garm, o qual seria o responsável por guardar o Portão de Hel.

Pelo fato de o lobo de Náströnd não ser identificado, não se pode dizer que ele fosse Garm, pois esse tem a função de cão de guarda, como fica claro no poema *Baldurs draumar* na *Edda Poética*, o qual conta que Odin ao chegar à entrada de Hel, deparou-se com este cão. Além disso, no poema *Völuspá*, Garm é mencionado estando preso por uma coleira, e lateria três vezes anunciando o Ragnarök, e quando a guerra final tivesse início, ele se libertaria de sua corrente e partiria para o campo de batalha. Mas o lobo de Náströnd era responsável por devorar os corpos, e não de guardar o local, e tão pouco é dito que ele lateria. Mas para aqueles que consideram a hipótese que Náströnd faça parte de Hel, esse lobo talvez possa ser uma alusão a Garm, e há quem defenda que talvez seja Fenrir¹⁸, pois existem hipóteses que defendem que Garm e Fenrir se tratassem da mesma criatura, mas citada em mitos distintos.

No entanto, não tem como se confirmar se o lobo de Náströnd seria de fato Garm ou Fenrir, pois na estrofe 38 do *Völuspá*, a palavra usada para lobo é *vargr*, por sua vez, no *Grimnismál* 44, a palavra para se referir a Garm é *hundr* (cachorro). Além disso, em distintos poemas Fenrir é referido pela palavra *úlfr* (lobo). Por outro lado, tomando como referência o estudo de Régis Boyer (1997, p. 52), este mencionou que a palavra *vargr*, que também significa lobo, era usada num sentido de metáfora para se referir aos assassinos, especificamente aqueles que cometeram algum crime e se tornaram proscritos. Aqui a analogia é relacionada entre comunidade e alcateia. Quando um lobo prejudica a alcateia, este é expulso da mesma, tornando-se um lobo solitário. No caso da comunidade

viking, assassinos que prejudicavam a ordem, também era expulsos ou executados em alguns casos.

Essa observação de Boyer é bastante pertinente, pois a palavra assassino que consta na estrofe 38 do *Völuspá* e no final do *Gylfaginning* 52, no texto original aparece como *morðvargar*, o qual era uma metáfora para se referir a assassinos, mais especificamente aos proscritos. Ou seja, aquele que matou alguém por uma causa injusta, desleal ou banal. Tomando tal referência, podemos conjecturar a hipótese se o lobo de Náströnd tenha sido uma alegoria para se referir aos proscritos, os quais seriam punidos após a morte, e não uma criatura mitológica propriamente.

4. Náströnd como local de punição

Após esses comentários sobre a localização de Náströnd e os elementos simbólicos a ele associado, iniciamos essa parte do artigo, o qual diz respeito a tentar compreender Náströnd como local da morte e de punição.

A menção a veneno, cobras, Nidhogg e ao lobo já foram debatidos anteriormente, logo, o foco se dará no segundo e terceiro versos dessa estrofe, os quais revelam que os perjuros, assassinos e os sedutores de esposas, iriam para Náströnd após morrer. Como visto anteriormente, na mitologia e religião nórdica existiam distintos lugares da morte, e as formas de chegar até estes era diferente. Sabemos que para a alma ir ao Valhala ou Folkvang, o indivíduo deveria ser um guerreiro que morreu em combate, apresentando bravura, força e fama. Com isso as valquírias o conduziriam a um destes dois salões (Davidson, 1987, p. 31).

Por sua vez, para ir-se a Hel, segundo Snorri Sturluson, aqueles que morressem de velhice ou de doença iriam para este lugar da morte¹⁹. Não obstante, para ir-se ao salão da deusa Rán, a pessoa teria que morrer afogada no mar, com isso, sua alma passaria a residir neste salão submarino. No entanto, não sabemos exatamente por quais motivos a alma iria à Bilskirnir, o salão de Thor (Vilar, 2015b, p. 36-37). Mas embora haja fatores distintos, em todos os casos, é dito que os mortos não padeceriam de tormentos nestes locais²⁰, mas em Náströnd as almas seriam punidas por seus crimes.

Apesar de a historiografia atual procurar desconstruir a imagem dos vikings como sendo bárbaros cruéis, incivilizados e que não possuíam ética e

nem leis, ainda assim, essa visão preconceituosa e até mesmo fantasiosa, ainda permanece no senso comum, sendo reproduzida em filmes, jogos, desenhos, livros, séries etc. Todavia, hoje se sabe que os vikings possuíam princípios morais, leis, um sistema de justiça, e não eram tão bárbaros e incivilizados como costuma ser mostrado nas artes. No caso:

Os vikings eram gente que sentia muito respeito pela lei, embora isso não seja o que se pensa hoje deles. A assembleia local (*Thing*) fazia e administrava a lei, que se conservava na memória dos anciãos juristas. Essa lei controlava a sociedade e continha as ambições dos homens importantes se o poder político e a autoridade estavam para fazê-la cumprir. Segundo as sagas islandesas, o procedimento legal era complexo e preciso, e os métodos de julgamento, tanto nos pleitos civis como nos criminais, dependiam de uma rigorosa adesão a um código de práticas próprio. (Page, 2006, p. 100)

Por tal aspecto sabe-se que embora não houvesse a noção de pecado na religião nórdica, os vikings, ainda assim, possuíam noção de certo e errado, de crime e de justiça. Além de haver também princípios de moralidade e como se comportar publicamente. Os covardes, enganadores, mentirosos, homossexuais, ninfomaníacas, bruxas etc., eram comportamentos e ações repudiados na sociedade nórdica (Ström, 1973, p. 4-5).

Aqui se percebe que os nórdicos possuíam valores e princípios comportamentais e morais, diferente do pensamento cristão da época que os considerava como selvagens e incivilizados. Todavia, antes de prosseguir com essa análise é importante salientar que no texto original nas duas *Eddas*, empregaram-se metáforas para se referir aos três crimes que eram castigados em Náströnd. No quadro abaixo temos uma transcrição em nórdico antigo das duas passagens que abordam os crimes que recebiam punição em Náströnd.

Edda Poética (Völuspá)	Edda em Prosa (Gylfagning)
39. <i>Sāk þar vaða / þunga straua menn meinsvara /ok morþvarga [ok þanns annars glepr eyrarūnu]; þar sō Nīþhoggr /naï framgengna, sleit vargr vera: / vituþ enn eþa hvat?</i>	52. Á Náströndum er mikill salr ok illr. Dyrr horfa norðr. Hann er ofinn af orma hryggjum. En orma höfuð hanga inn um gluggana ok blása þeir eitri svá at ár falla af ok vaða þeir menn þær er eru eiðrofar ok morðvargar .

Fonte: Hildebrand; Gering; Bellows, 2011, p. 31; Sturluson; Faulkes, 2012, p. 83.

Destacamos as palavras em negrito: *meinsvara*, *morþvarga*, *þanns annars glepr eyrarūnu* e *eiðrofar*, pois consistem nos três crimes pelos quais os mortos seriam sentenciados a Náströnd. Para entendermos melhor a noção de tais crimes se faz necessário interpretar estas palavras, as quais no texto original são metáforas.

As palavras *morþvarga* ou *morðvargar* consistem em duas formas de grafia para a mesma palavra, que significa assassino (Zöega, 1910, p. 301). Inclusive tal palavra era usada como metáfora para se referir aos proscritos, pessoas que cometeram assassinatos contrários à lei, pois apesar de os nórdicos serem uma sociedade belicosa, não significava que podia se matar por qualquer motivo ou em qualquer momento (Page, 2006, p. 100). No entanto, as leis nórdicas permitiam o direito de vingança (*hefnd*) e até mesmo de duelos (*hólmganga*) para se resolver determinados conflitos particulares. Tais condições dificultam um pouco entender em que determinadas situações um indivíduo que cometeu homicídio, seria taxado como criminoso ou estaria apenas exercendo seu direito de resposta (Palamin, 2015, p. 44).

No caso da palavra *meinsvara*, essa significa perjuro, por sua vez, Snorri usou em sua versão a expressão *eiðrofar*, sinônimo para perjuro. Em ambos os casos, as duas palavras referem-se a pessoas que não são de confiança, pessoas que quebram acordos, juramentos, promessas etc. (Zöega, 1910, p. 104, 293).

Já a frase *þanns annars glepr eyrarūnu*²¹ também consiste numa metáfora, pois significa algo como “aqueles que assediam as esposas dos outros”. A maioria dos tradutores traduz essa frase como “sedutores de mulheres casadas”, mas alguns traduzem como “sedutores de mulheres comprometidas” ou “sedutores de esposas”. De qualquer forma, como veremos adiante essa metáfora é a mais emblemática.

Todavia, pode parecer um tanto paradoxal dizer que sendo os nórdicos da Era Viking uma sociedade guerreira, punir os assassinos fosse algo inusitado. Pode até parecer uma concepção cristã, mas a ideia de que os injustos, criminosos e maus seriam condenados por seus atos, na vida após a morte, não consiste numa concepção de origem judaico-cristã, pois vários outros povos tinham noções do tipo. Logo, se os nórdicos da Era Viking talvez possuíssem essa noção de que os ímpios seriam julgados de alguma forma por seus atos em vida, Náströnd surge como esse local de punição, embora pouco se saiba sobre suas

origens e sua funcionalidade na religião nórdica antiga, pois fora das *Eddas* não foram descobertas menções a Náströnd.

Lembrando que as *Eddas* são essencialmente fontes mitológicas, além do fato, de trazerem alguns mitos fragmentados, o que dificulta a interpretação da mitologia nórdica e até mesmo de sua relação com a religião (Pires, 2015, p. 23-24). Embora haja essa problemática quanto ao estudo das *Eddas*, vamos interpretar Náströnd por um viés mitológico, tentando fazer uma ponte com a realidade social e cultural dos nórdicos da Era Viking, como também tentar pensar a questão religiosa que poderia estar associada com este local da morte.

A escolha do crime de assassinato é um caso curioso, pois de acordo princípios legais que se conhece da época, necessariamente os assassinos não seriam executados por seus crimes, mas em alguns casos seriam exilados, como foi o caso de Erik, o Vermelho (c. 950 – c. 1003), o qual se tornou proscrito duas vezes, e nas duas ocasiões ele foi exilado (Graham-Campbell, 2006, p. 220). Outra forma de penalidade, era a condição que os parentes ou amigos da vítima, deteriam o direito de vingá-lo. Com isso o proscrito corria risco de ser assassinado (Palamin, 2015, p. 45).

No que se refere ao perjuro, esse também é um crime que gera questionamentos. Régis Boyer (2000, p. 53) aponta que os vikings eram centrados num núcleo familiar, o qual era composto pelas relações de parentesco, amizade, juramentos e servidão. Nesse sentido, devido a essa proximidade social, torna-se complicado definir por qual motivo uma pessoa perjura seria sentenciada a Náströnd. Seria um homem ou mulher que traiu a família? Que traiu um juramento? Que traiu seu senhor? Qualquer pessoa que faltou com a palavra, estava passível de ser sentenciada a Náströnd? Ou apenas para lá seguiriam os mais ímpios e desleais?

Neste caso, sabe-se que alguns povos tinham o hábito de declarar pena de morte aos traidores. Todavia, por que especificamente esse crime seria punível em Náströnd, é algo que não se sabe. Ainda mais se pensarmos que nos mitos, nas sagas e na história viking, estes estão recheados de casos de traição, perjuro, complô, assassinato, trapaça etc. Nesse ponto, Kees Samplonius sugere que tais crimes não seriam baseados numa concepção moral, legal ou religiosa, mas poderiam ser pautados na mitologia, mais especificamente no mito de punição de Loki:

Culpados de matar e descumprir promessas, os Æsir falharam ao sustentar a ordem do mundo que eles tinham fundado. É dificilmente uma coincidência que o destino de Óðinn e a punição de Loki tenham coincidido com as punições aplicadas àqueles moralmente perversos no *Völuspá*, estrofes 38–39. Aparentemente, o poeta considerava-os como pertencentes à classe dos perjuros, adúlteros e assassinos listados nessa estrofe. (Samplonius, 2013, p. 139)

Como Samplonius assinalou, Odin e Loki acabaram passando por acontecimentos que nos fazem recordar os tormentos de Náströnd. Odin no Ragnarök é assassinado pelo lobo Fenrir, algo que lembra o lobo que existe em Náströnd, o qual devora os mortos. Loki por sua vez foi punido com veneno de cobra, castigo similar aos condenados em Náströnd. Porém, as comparações propostas por Samplonius não se limitam neste ponto. Ele salienta que os crimes cometidos por Loki como narrados em alguns mitos possam servir de pista para entender Náströnd. Para isso precisamos conhecer que crimes teriam sido estes.

No caso de Loki, sua história é bastante interessante, pois há duas versões registradas nas *Eddas* acerca dos motivos pelos quais ele foi punido. Na *Edda Poética*, no poema *Lokasenna*, Loki assassina Fimafeng, um dos escravos do gigante Égil, que na ocasião oferecia um banquete aos deuses. Neste caso, “ao assassinar Fimafeng, Loki mostra não está preocupado em se respeitar o pacto entre anfitrião e convidados” (Vilar, 2015a, p. 113).

A morte do escravo por si só já consistia em dois crimes relacionados com Náströnd: o perjuro e o assassinato, pois Loki rompeu o acordo de paz instaurado no salão de Égil, ao assassinar um de seus escravos. Não obstante, Loki cometeu ou pelo menos fez insinuações ao terceiro crime, o assédio sexual, quando acusou as deusas Idunna, Gefjon, Frigga, Freyja, Sif e a gigante Skadi, de terem cometido adultério, inclusive ele insinua que teria tido um caso com Sif e Skadi, as quais eram casadas (Vilar, 2015a, p. 116-117).

Na *Edda em Prosa*, Snorri diz que Loki foi punido, pois quebrou sua confiança com os deuses e tramou a morte de Balder. Em ambos os casos, Kees Samplonius (2013) aponta que os crimes de perjuro e assassinato encontravam-se presentes nestas narrativas, entretanto, a questão da traição conjugal é problemática, pois na versão de Snorri, não há nada relacionado ao assédio sexual. E tal fato é interessante, pois no relato de Snorri, em Náströnd só dois tipos de crimes eram punidos: o homicídio e o perjuro. Seria tal condição uma

mera coincidência, ou Snorri baseou-se em outra versão do mito de Náströnd? Ou a alterou com base na versão adotada sobre a punição de Loki, onde não se encontra o crime de assédio a mulheres casadas?

De qualquer forma, essas perguntas ainda não possuem respostas, pois embora a explicação de Samplonius tenha sido bem observada ao encontrar similaridades nos crimes de Náströnd com os atos cometidos por Loki, isso não é algo conclusivo, pois como sugerido por ele, pode ter sido mera coincidência, ou talvez de fato possa ter havido uma influência mesmo, porém, dizer qual versão teria influenciado quem, é algo que não se sabe.

Mas além dessas duas hipóteses comentadas anteriormente, uma baseada em referenciais legais da época, e a outra baseada na mitologia, uma terceira vertente sugere que os três crimes punidos em Náströnd poderiam estar baseados em referenciais cristãos. Lembrando que quando as *Eddas* foram escritas na Islândia do século XIII, a população da ilha já era toda cristã (Nordal, 1978-1981, p. 115). Sobre isso, John McKinell (2008, p. 4-5) comenta que não significa que o conteúdo das *Eddas* seja totalmente cristão. Ele salienta que muitas narrativas expressam elementos pagãos que inclusive são contrários a moral cristã. O mais sensato é reconhecer que existam influências do cristianismo em determinados momentos das *Eddas*, mas não ao ponto de distorcer suas narrativas de sua originalidade, se assim podemos falar. Para McKinell o poema do *Völuspá* possui algumas estrofes oriundas de uma visão híbrida entre a religião nórdica e o cristianismo²².

Tomando em consideração a possibilidade de que algumas estrofes do *Völuspá* possuam influência de concepções cristãs, como comentado por McKinell, tal especulação faz sentido, quando observamos que dentro das leis dos nórdicos, não se conhecem nada a respeito à criminalização do adultério ou da fornicação. Isso não significa que a traição fosse perdoada ou generalizada, mas pelo menos em âmbito do Direito, não era penalizada. Entretanto, Jochens (1996, p. 22-23) comenta que o incesto era crime, que a poligamia e a bigamia eram reprovados, apesar de que a infidelidade conjugal não era um tabu, inclusive fazia parte daquela sociedade como entre outros povos do mundo, onde era comum o homem ter amante.

Dessa forma, pela ausência de uma lei ou norma que criminalizasse o adultério, torna-se questionável porque exatamente essa infração seria

penalizada em Náströnd. Teria sido uma concepção advinda do contato com o cristianismo? Pensando que a partir do século VIII temos nórdicos se convertendo a essa religião. Sobre essa possibilidade, McKinell (2008, p. 9-10) assinalou um dado interessante, também já percebido por nós e outros mitólogos: o fato de que os crimes punidos em Náströnd lembram uma estrofe do livro do *Apocalipse*, como podemos ver na tabela abaixo.

<i>Völuspá</i> 38 (39)	<i>Apocalipse</i> 21:8
38. Ela viu cruzando por rios selvagens Homens perjuros e assassinos E os assediadores de mulheres casadas; Nidhogg suga os corpos dos mortos, O lobo rasga os corpos; Você quer saber mais o quê?	Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos , aos impuros , aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos , a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.

Fonte: Tradução nossa; *Bíblia Shedd*, 2013.

Por mais que na citação bíblica do *Apocalipse* constem outras atitudes desaprovadas e que receberiam punição durante o Juízo Final, em negrito destacamos os assassinos, mentirosos e impuros (em outras traduções aparece como promíscuos), crimes esses que lembram os três citados na estrofe do *Völuspá*, como apontado por McKinell. No entanto, não é apenas no *Apocalipse* que se percebe essa correlação entre os crimes punidos após a morte. Em outras passagens da *Bíblia*, encontramos elementos similares.

Em *Êxodo* 20:3-17 são revelados os Dez Mandamentos, dentre os quais três nos chamam atenção: não matarás (*Êx* 20:13), não adulterarás (*Êx* 20:14) e não darás falso testemunho (*Êx* 20:16). Neste caso, entenda-se falso testemunho como estando relacionado ao ato de ser desleal, de mentir, de perjuro contra a justiça. Por sua vez, estes três crimes são retomados em *Deuteronômio* 5:17-20, *Mateus* 19:18, *Marcos* 10:19 e *Lucas* 18:20. Em todos estes livros, o homicídio, o perjuro e o adultério são tratados como crimes graves para os judeus e cristãos.

Diante de tal reflexão podemos salientar algumas hipóteses: os crimes de assassinato e de perjuro possuem respaldo nos costumes vikings e até em seus mitos, como comentado anteriormente neste estudo, estando passíveis de serem punidos pelas leis ou pela vingança. Logo, não teriam sido uma concepção cristã necessariamente. Todavia, o crime de assédio sexual e adultério são passíveis de

terem sido influenciados pelo cristianismo. Outra hipótese é que os três crimes possam ter sido concebidos com base num referencial mitológico como sugerido por Samplonius, ou possam advir de um referencial cristão mesmo. E isso fica até mesmo mais perceptível, quando analisamos o relato de Náströnd na *Edda em Prosa*.

5. Náströnd como o inferno?

O *Völuspá* não diz claramente onde Náströnd estaria situado, mas pelo que parece ele ficaria no subterrâneo, sendo um local sombrio, podendo ou não fazer parte de Hel ou de Niflhel. No entanto, na *Edda em Prosa*, a ideia de Náströnd como um suposto “inferno” é mais perceptível. Snorri Sturluson autor da referida obra, escreveu que após a destruição causada pelos eventos que compunham o Ragnarök, o mundo iria ser reordenado e restabelecido. A vida voltaria a se desenvolver e proliferar. Os deuses sobreviventes passariam a serem governados por Balder. E a humanidade recomeçaria com o casal Lif e Lifhrasir²³. Todavia, nessa era de renovação, haveria boas moradas para onde seguiram os justos (*réttsiðaðir*), mas haveria moradas ruins, para onde iriam os ímpios (*vándir*).

Esse detalhe a respeito da boa morada e da morada ruim nos faz lembrar as noções de Paraíso e Inferno vistas em *Apocalipse 21*, onde se diz que passado o Juízo Final, os puros iriam residir na Jerusalém celeste, ao lado de Deus, Cristo e dos anjos, enquanto os maus seriam atirados às profundezas, no lago de fogo e enxofre.

Neste caso, Snorri dizia que os sobreviventes do Ragnarök, no caso daqueles que foram justos e virtuosos iriam morar em salões celestes como o Gimlé, o Brimir e o Sindri²⁴, onde os que ali fossem residir, viveriam bem. Claramente percebemos um imaginário paradisíaco nessa fala do Snorri. Por sua vez, os que haviam sido ímpios, desleais, criminosos iriam para as moradas ruins como Náströnd, onde sofreriam com veneno de serpente.

Contudo, Snorri não diz claramente se Náströnd ficaria no submundo, mas tal detalhe fica subentendido, pois ele diz que o dragão Nidhogg que também vive em Náströnd, morava no subterrâneo, em Niflheim. Além disso, no *Gylfaginning 2*, Snorri comenta que os malvados iriam para o submundo de

Niflhel. Uma condição a mais para situar Náströnd como pertencente ao subterrâneo, pelo menos dentro da concepção cosmogônica apresentada na *Edda em Prosa*. E tal condição nos faz perceber que Náströnd possa nesse contexto ser uma alegoria ao Inferno, como consistindo num salão tenebroso e subterrâneo, onde os criminosos eram punidos após a morte. Diante de tais comparações, percebe-se que provavelmente Snorri Sturluson reutilizou nomes, fazendo reelaboraões e adaptações, como comenta Langer:

Também a *Edda em Prosa* tem sido percebida muito mais como um produto de sua época (Idade Média Central) sobre os antigos mitos do que como uma fonte “correta” e original a respeito das narrativas antigas, criando desta forma uma “nova” mitologia, baseada tanto na tradição nativa quanto no imaginário cristão (*Interpretatio christiana*). (Langer, 2015a, p. 144)

Considerações finais

Optamos em não dizer considerações finais, pois o tema dessa pesquisa ainda está em aberto para futuras novas análises, inclusive utilizando-se outras abordagens a fim de procurar mais fatores de ordem religiosa nórdica ou cristã na descrição de Náströnd. Neste caso, recordamos que este local da morte é apenas citado nas duas *Eddas*, e de forma breve, o que o torna problemático de ser estudado, além de não termos margem para compará-lo com outras narrativas da mitologia nórdica.

Neste caso, de todos os lugares da morte conhecidos nos mitos e na religião nórdica, Náströnd é o único que nos surge como um local onde as almas eram punidas pelos crimes que haviam cometido em vida. Nesse ponto, Hilda Davidson (1968) considerou propor que Náströnd possa ter sido uma mitificação do túmulo, e também possa ter sofrido ressignificações como ocorreu com Hel. Ainda assim, essa ressignificação não explicaria a ideia de punição divina, pois não sabemos até onde os crentes da fé nórdica possuíam noção de que suas almas seriam julgadas por seus atos após a morte.

Contudo, estudiosos como Anne Rissøy (2013) e William Reaves (2014) defendem a opinião de que na *Edda Poética*, encontram-se referências a um “tribunal divino”, aonde os deuses iriam até uma das raízes da Yggdrasil, localizada no Poço de Urd, local onde moravam as Nornas, as deusas do destino, e ali, as divindades julgariam os mortos. O problema dessa teoria é que as referências são insuficientes para dizer se de fato os deuses estariam ali reunidos

para julgar as almas dos homens, ou para algum outro motivo. E mesmo que fosse para julgar as almas, como isso se procederia? Levar-se-ia em questão o comportamento, caráter e índole dos homens e mulheres?

Na ausência de mais informações por parte da mitologia e da religião, nos sobrou analisar por um viés simbólico, social e cultural as características apresentadas em Náströnd. No caso, vimos que o simbolismo da serpente, do veneno, do dragão e do lobo, todos confluem com elementos negativos que se mesclam para compor o cenário simbólico de uma costa de cadáveres e um salão de serpentes, onde os mortos padeceriam em sofrimento. Tais símbolos reforçam a percepção de subterrâneo, trevas, dor, sofrimento, punição e morte, o que legitima Náströnd como um local de punição.

Quanto à análise dos crimes que eram punidos em Náströnd, conseguimos identificar que dentro das leis nórdicas conhecidas, o homicídio e o perjuro eram desaprovados e penalizados fosse através de exílios, execuções ou pelo direito de vingança. Mas não foram encontradas referências que penalizassem o adultério e o assédio sexual, apesar de que tais atos se fossem cometidos, entrariam na noção de honra ferida, o que poderia justificar um ato de vingança ou duelo.

Todavia, comentamos que tais crimes talvez não tivessem sido baseados num referencial legal e moral da época, mas em referenciais mitológicos como apontados por Kees Samplonius (2013), o qual salientou similaridades de tais crimes com os mitos da punição de Loki, sugerindo que Náströnd talvez possa ter se baseado em noções pagãs mesmo, sem recorrer a influências morais e religiosas do cristianismo. Por outro lado, os crimes punidos em Náströnd poderiam ser uma referência a valores cristãos como salientado por John Mckinell (2008), que sugeriu que tais crimes encontram paralelo nos livros bíblicos, inclusive citando uma passagem do *Apocalipse* a respeito.

Quanto a se considerar que Náströnd seria o “inferno nórdico”, podemos conjecturar tal opinião com base na possível influência cristã em sua interpretação, algo visto no relato de Snorri Sturluson, que apresentou no final do *Gylfaginning* uma visão vertical de mundo, dividida entre Bem e Mal, situando Náströnd no submundo, como um local ruim e sombrio, para onde iriam os criminosos. Dessa forma, consideramos que Náströnd aparecesse nas *Eddas* como um possível tipo de “inferno”, mesclando elementos pagãos e cristãos na elaboração de sua descrição e função.

Referências bibliográficas

ABRAM, Christopher. *Representations of the pagan afterlife in medieval Scandinavian literature*. 2003. 246f. Dissertation (Doctor in Philosophy) – Post-graduated in Philosophy, University of Cambridge, Cambridge, 2003.

ANÔNIMO. *The Poetic Edda*. Translated from the Icelandic with an introduction and notes by Henry Adams Bellows. New York: The American-Scandinavian Foundation, 1923.

ANÔNIMO. *Poetic Edda*. Old-norse edition diglot. Translated by Karl Hildebrand, Hugo Goring and Henry Adams Bellows. Melbourne: Bogdan Opanchuk, 2011.

AYOUB, Munir Lutfe. “Salões de cultos e banquetes: a compreensão dos espaços escandinavos”. *Revista Crítica Histórica*, ano IV, n. 7, p. 99-113, 2013.

BERNÁRDEZ, Enrique. La geografia mitológica. In: *Los mitos germánicos*. Madrid: Alianza Editorial, 2010, p. 281-288.

BIBIRE, Paul. Myth and Belief in Norse Paganism. *Northern Studies*, n. 29, p. 1-23, 1992, p.1-23.

BÍBLIA Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BOYER, Régis. *Héros et diuex du Nord: guide iconographique*. Paris: Flammarion, 1997.

BOYER, Régis. *La vida cotidiana de los vikingos (800-1050)*. Traducción de María Tabuyo y Agustín López. Barcelona: Medievallia, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega – v. 1*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CLARKE, Helen. A terra, o clima e os povos. In: GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *Os Vikings*. Tradução Carlos Nougé. Barcelona: Ediciones Folio S.A., 2006, p. 12-21.

DAVIDSON, Hilda Ellis. *Deuses e mitos no norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.

_____. *Escandinávia*. Lisboa: Editorial Verbo, 1987.

_____. *The Road to Hel: a study of the conception of the dead in Old Norse literature*. New York: Greenwood Press, 1968.

DRONKE, Ursula. *The Poetic Edda: mythological poems*, vol. 2. Oxford: Clarendon Press, 1997. 3v

DUNNIGANN, Ann. Wolves. In: JONES, Lindsay (ed). *Encyclopedia of Religion*, vol. 14. 2. ed. Farmington Thomson Gale, 2005, p. 9783-9785. 14v

GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *Os Vikings*. Tradução Carlos Nougé. Barcelona: Ediciones Folio S.A., 2006.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Wolves, serpents, and birds. In: Andrén, Anders; Jennbert, Kristina; Raudvere, Catharina (eds.). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academy Press, 2006, p. 124-129.

HEDEAGER, Lotte. Scandinavia before the Viking Age. In: BRINK, Stefan; PRICE, Niel. *The Viking World*. London/New York: Routledge, 2008. p. 11-22.

HEIDE, Eldar. Contradictory cosmology in Old Norse myth and religion – but still a system? *Maal og Minne*, 1, 2014, p. 102-143.

_____. Holy islands and the otherworld: places beyond water. In: JARITZ, Gerhard; JØRGENSEN, Torstein (eds.). *Isolated Islands in Medieval Nature, Culture and Mind*. Bergen: Central European University, 2011, p. 57-80.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HULTGÅRD, Anders. The religion of the vikings. In: BRINK, Stefan (ed.). *The Viking World*. London/New York: Routledge, 2008, p. 212-218.

JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse society*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1996.

LANGER, Johnni. Cometas, Eclipses e Ragnarök: uma interpretação astronômica da escatologia nórdica pré-cristã. *Revista Mundo Antigo*, ano II, v. 2, n. 4, p. 67-91, 2013.

_____. (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a.

_____. O mito do dragão na Escandinávia – parte I: período pré-viking. *Brathair*, vol. 3, n. 1, p. 42-64, 2003.

_____. O mito do dragão na Escandinávia – parte II: as Eddas e o sistema ragnarokiano. *Brathair*, vol. 7, n. 1, p. 59-95, 2007.

_____. *Na trilha dos vikings: estudos de religiosidade nórdica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015b.

_____. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. *Revista Brathair*, v. 5, n. 2, p. 55-82, 2005.

_____. A religião nórdica antiga: conceitos e métodos de pesquisa. *Rever*, ano 16, n. 2, p. 118-143, 2016.

_____. Vikings. In: FUNARI, Pedro (Org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 131-144.

LINDOW, John. *Norse Mythology: A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. New York: Oxford University Press, 2001.

MCKINNELL, John. Völuspá and the Feast of Easter. *Alvíssmál*, n. 12, p. 3-28, 2008.

MUNCH, Peter Andreas. *Norse Mythology, legends of Gods and Heroes*. Translated from Norwegian by Sigurd Brenhard Hustvedt. New York: The American-Scandinavian Foundation, 1926.

MUNDKUR, Balaji D. *The Cult of Serpent: An Interdisciplinary Survey of Its Manifestations and Origins*. Albany: University New York Press, 1983.

NORDAL, Sigurd. The Author of Völuspá. *Saga-Book of Viking Society*, vol. XX, p. 114-130, 1978-1981.

NORLAND, Odd. Valhall and Helgafell: syncretistic traits of the Old Norse religion. In: HARTMAN, Sven S (ed). *Syncretism*. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1969, p. 66-99.

OLIVEIRA, João Bittencourt de. Aventura e Magia no Mundo das Sagas Islandesas. *Revista Brathair*, v. 9, n. 1, p. 38-65, 2009.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Breve comentário sobre o simbolismo da serpente na Edda Poética. *Notícias Asgardianas*, n. 12, p. 70-78, 2017.

_____; OLIVEIRA, Angela de Albuquerque. O simbolismo do lobo e da serpente no Ragnarök. *Revista Diversidade Religiosa*, v. 7, n. 1, p. 216-240. 2017.

PAGE, Raymond. Saber e Religião na Escandinávia. In: GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *Os Vikings*. Tradução Carlos Nougé. Barcelona: Ediciones Folio S.A., 2006, p. 100-120.

_____. Rune-masters and Skalds. In: GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *The Viking World*. London: Frances Lincoln Limited, 2001, p. 154-171.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. Representações de honra e vingança na mitologia nórdica. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano VIII, n. 23, setembro/dezembro, 2015, p. 39-55.

PASTOUREAU, Michel. *Bestiari del Medioevo*. Saggi: Einaudi, 2012.

PIRES, Hélio. As Eddas não dizem tudo. *Férula*, n. 10, jul./ago. 2015, p. 23-32.

PLUSKOWSKI, Aleksander G. Lupine apocalypse: the wolf in pagan and Christian cosmology in medieval Britain and Scandinavia. *Cosmos*, vol. 17, p. 113-131, 2001.

REAVES, William P. *Going to Hel: the consequences of a Heathen Life* (2014). Disponível em: <http://www.germanicmythology.com/original/cosmology2.html>. Acessado em 25-29 de agosto de 2016.

RISSØY, Anne Irene. Sacred legal places in Eddic Poetry: reflected in real life? *Journal of the North Atlantic*, Special Issue, vol. 5, 2013, p. 28-41.

ROSS, Margaret Clunies. *A history of old norse poetry and poetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SAMPLONIUS, Kees. The Background and Scope of Völuspá. In: GUNNELL, Terry; LASSEN, Annette (eds.). *The Nordic Apocalypse: Approaches to “Völuspá” and Nordic Days of Judgement*. Belgium: Brepols, 2013, p. 113-145.

SCARPI, Paolo. Las religiones del mundo antiguo: los politeísmos. Traducción Maria Pons. Barcelona: Editorial Crítica, 2000.

SØRENSEN, P. M. From oral poetry to literature. In: ROESDAHL, Else; WILSON, David M. (orgs.). *From Viking To Crusader: Scandinavia and Europe 800-1200*. New York: Rizzoli, 1992, p. 166-171.

STRÖM, Folke. *Nid, Ergi and Old Norse moral attitudes*. London: Viking Society for Northern Research, 1973.

STURLUSON, Snorri. *Gylfaginning*. Tradução de Jorge Luís Borges e Maria Kodama. Madrid: Alianza Editorial S. A. 1990.

STURLUSON, Snorri. *The Uppsala Edda*. Edited with introduction and notes by Heimir Pálsson. Translated by Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research/University College London, 2012.

VILAR, Leandro. Dramatização no Lokasenna: Um estudo do conceito do trickster na figura de Loki. *Revista Mundo Antigo*, v. IV, p. 103-122, 2015a.

_____. Hel e o inferno cristão: comparações e incongruências. *Notícias Asgardianas*, João Pessoa, n. 9, p. 36-42, 2015b.

WELLENDORF, Jonas. Homogeneity and heterogeneity in Old Norse cosmology. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academy Press, 2006. p. 50-53.

ZOËGA, Geir T. *A concise Dictionary of Old Icelandic*. Oxford: Clarendon Press, 1910.

¹ A religião nórdica antiga não existe mais, apesar de que seu panteão, mitos e algumas crenças e ritos sejam utilizados por religiões neopagãs como o Ásatrú, o Vanatrú, o Odinismo e o Heathenismo.

² Fazemos uso da concepção de Klaus Hock (2010, p. 42) em diferenciar texto sagrado como sendo aquele que se atribui um valor ou poder divino, como no caso das religiões abraâmicas com o Torá, a Bíblia e o Corão, considerados manifestações escritas da Palavra de Deus. Por sua vez, texto religioso seriam obras que versam sobre os textos sagrados, apresentando comentários, análises, críticas, estudos etc. Material que também é usado na doutrinação e na liturgia.

³ As sagas islandesas consistem num conjunto de narrativas em prosa, escritas na Islândia entre os séculos XII e XIV. As sagas abordam aventuras, viagens, a colonização da Islândia, conflitos familiares, genealogias dos reis, guerras, traições, complôs, vidas dos bispos etc. Algumas dessas sagas também abordam temáticas imbuídas com elementos lendários e mitológicos. (Oliveira, 2009, p. 39-40).

⁴ A montanha sagrada (*helgafell* em nórdico antigo) consiste numa concepção de vida após a morte na qual se acreditava que as almas viveriam em salões dentro das montanhas. Ali eles conviveriam com seus antepassados, compartilhando de alimentos, bebidas e festejos. (Odd Nordeland, 1969, p. 67-68).

⁵ Desde o século XIX os mitos nórdicos e a sociedade dos vikings tornaram-se temas de pinturas, romances, poemas, peças, óperas etc. No século XX isso continuou a se desenvolver, passando para os quadrinhos, filmes, desenhos, jogos e videogames. Valhalla e Hel são os lugares mais reconhecidos pelo público que conhece mitologia nórdica através das artes.

⁶ "Não há consenso sobre a idade e origem dos poemas da *Edda*. É certo que os poemas preservados foram escritos na Islândia no século XIII e que Saxo conhecia os mesmos tipos de poemas próximo a 1200. Nós também sabemos que os poemas heroicos e mitos de deuses ocorrerem na Pedra de Rok (cerca de 800). Mas é impossível datar os poemas orais antes de serem escritos. Só podemos dizer que os poemas perpetuaram uma tradição que teve um antigo - pré-cristão - conteúdo e que na Era Viking eram atuais em toda a Escandinávia. Alguns dos poemas parecem ter sobrevivido razoavelmente inalterados, enquanto outros são recriações de poemas antigos". (Sørensen, 1992, p. 170).

⁷ "O Ragnarök é um termo que possui distintos sentidos: "crepúsculo dos deuses", "julgamento dos deuses", "julgamento dos poderes", "destino dos poderes", "destino dos deuses", "consumação dos poderes antigos" etc., consiste num mito escatológico sobre a renovação dos cosmos, apresentando o fim de um ciclo e o estabelecimento de um novo tempo. Esse mito é dividido em três momentos: no primeiro, temos as profecias e o cumprimento destas, as quais desencadeariam a grande guerra; no segundo, o relato sobre a Batalha de Vigrid, onde deuses, gigantes, monstros e os homens lutariam; no terceiro, a descrição dos acontecimentos após o término da guerra". (Oliveira; Oliveira, 2017, p. 259).

⁸ Essa tradução foi feita por nós com auxílio do *A concise dictionary of Old Icelandic* (1910), e das traduções do *Völuspá* feitas por Ursula Dronke (1997), Luís Lerate (2004) e Henry Bellows (2011). Neste caso, não respeitamos a métrica do texto original, que inclusive não é possível de ser mantida ao se traduzir para uma língua neolatina. Mais adiante neste estudo, comentamos a respeito de algumas metáforas contidas nessa estrofe.

⁹ Nidavéllir costuma ser associado como sendo o lar dos anões, apesar de não haver muitas referências sobre isso. Na estrofe 36(37) do *Völuspá*, onde esse lugar é mencionado, diz que Nidavéllir é habitada pelos Filhos de Sindri, o qual foi um importante anão no passado.

¹⁰ Hel consiste num local da morte situado em geral no submundo, sendo governado pela deusa Hel, filha de Loki. Por sua vez, Niflhel ora aparece como sinônimo de Hel, ou consistindo numa região no submundo. Niflheim é descrito como uma região fria e nebulosa, situada ora no Norte ou no submundo. (Lindow, 2001, p. 240; Weaves, 2014, p. 5-7).

¹¹ Peter Andreas Munch (1926, p. 38) sugeriu que Náströnd não seria a costa de um mar, mas a costa do grande lago Hvergelmir, o qual Snorri (*Gylfaginning* 4) situava em Niflheim, dizendo que desse lago nasciam nove rios: Svöl, Gunnthrá, Fjörm, Fimbulthul, Slid, Ygl, Vid, Leiptr e Gjöll. O lago também é mencionado no poema *Grimnismál* da *Edda Poética*.

¹² O poema *Grimnismál* na *Edda Poética*, cita 12 salões dos deuses.

¹³ É preciso salientar que entre os escandinavos, o simbolismo da serpente não era totalmente ligado a questões negativas, havia um lado positivo, pelo qual associava às serpentes a vida, fertilidade, fecundidade, virilidade, sorte, proteção, força, poder etc. (Gränslund, 2006, p. 126; Langer, 2003, p. 46).

¹⁴ Em geral o veneno possui essa conotação negativa, mas há casos que ele também está associado à medicina e a cura, como salientam Chevalier e Gheerbrant (1986, p. 229-230).

¹⁵ Por sua vez a serpente Jormungand e o dragão Fafnir, eram monstros peçonhentos.

¹⁶ O nome Nidhogg possui entre algumas traduções o significado de “roedor de raízes” ou “devorador de cadáveres”. (Langer, 2007, p. 88).

¹⁷ A palavra dragão advém do grego *drakkon*, termo usado para se referir a grande serpente.

¹⁸ John Lindow (2001, p. 134-135) sugere a hipótese de que Garm pudesse ser outro nome para Fenrir, além de sugerir também um possível equívoco entre os autores das *Eddas*.

¹⁹ Embora Hel seja citado em alguns momentos na *Edda Poética* e até em outros poemas como o *Sonatorrek*, em nenhuma dessas menções explica-se por quais motivos as almas iriam a Hel. Neste ponto, Abram (2003, p. 10) e Davidson (1968, p. 84) assinalam que a ideia de velhice e doença provavelmente seja uma invenção de Snorri, como forma de conceder uma resposta a pergunta de qual seria o motivo para ir-se a Hel, assim como, seja também parte da reelaboração do autor para criar uma dualidade que respaldasse sua visão de Valhala, como o “paraíso”.

²⁰ Mesmo na *Edda em Prosa*, onde Snorri apresenta uma visão negativa da deusa Hel e seu reino, ainda assim, ele não diz que as almas ali sofreriam, mas estas seriam punidas em Niflhel e Náströnd.

²¹ De acordo com Zoëga (1910, p. 120), a palavra *eyrarūnu* é uma construção poética para se referir a amante ou esposa. Não obstante, *eyrarūnu* é uma metáfora, pois é formada pelas palavras *eyra* (orelha) e *rūni* (amizade íntima), algo que perpassa a ideia de “cochichar ao ouvido”, não no ato de focar, mas na ação de galanteio. Por sua vez *annars glepr eyrarūnu* numa tradução mais aproximada do original, seria algo como “enganar a esposa do outro”. Em termos contemporâneos, poderíamos falar em algo como assédio sexual e moral. Por isso optamos pelo uso da palavra assédio ao invés de sedução.

²² "Os pagãos aceitaram que Cristo era um deus, mas não que ele era o único Deus. Como a religiosidade germânica pré-cristã e a estrutura social eram fundamentalmente inter-relacionadas, celebrações pagãs demandavam solidariedade social e, desde que os novos convertidos ao cristianismo consentissem nisso, tudo correria bem. Os problemas começaram quando os cristãos se recusaram a participar de festividades sociorreligiosas com colegas aldeões, mas relatos sugerem que, ainda assim, a comunidade em geral inicialmente procurava preservar a unidade". (Samplonius, 2013, p. 132).

²³ Alguns mitólogos tendem a entender essa descrição como uma alegoria para se falar sobre o fim do paganismo e a ascensão do cristianismo. O casal Lif e Liftrhasir é mencionado apenas nessa *Edda*. Inclusive eles nos fazem lembrar de Adão e Eva. (Langer, 2015a, p. 118).

²⁴ Esses três nomes também aparecem no poema do *Völuspá*, porém, Brimir consta como o nome de um gigante e Sindri é o nome de um anão. Christopher Abram (2003, p. 49) cogita que Snorri relatou outra versão do mito, ou se apropriou destes nomes e lhe concedeu novo sentido.

Recebido em 24/08/2016, revisado em 31/08/2017, aceito para publicação em 27/10/2017.